

A MÍDIA E AS PUBLICAÇÕES SOBRE O FENÔMENO ADICTIVO

*Érica Henrique Ribeiro-Andrade¹, Milena Ribeiro Siqueira¹, Cezar Villaça Azeredo¹,
Raphael Fonseca Braga de Melo¹ e Rebecca Rodrigues Cedro de Brito¹*

RESUMO

RIBEIRO-ANDRADE, E.R.; SIQUEIRA, M.R.; AZEREDO, C.V.; MELO, R.F.B.; BRITO, R.R.C. A mídia e as publicações sobre o fenômeno adictivo. **Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas**, v.11 , n.34 , p. 69 - 87, 2021.

A mídia e seus meios de comunicação possuem uma relevância considerável na sociedade contemporânea. Partindo-se da hipótese de que a influência midiática impacta consideravelmente os modos de enfrentamento do fenômeno adictivo. Como objetivo específico intencionava-se identificar bem como avaliar o perfil das matérias sobre drogadição publicadas em diferentes veículos de informação que implicassem uma grande circulação nacional, a saber a Revista VEJA, o Jornal Folha de São Paulo, ambos em suas versões on line, e o site Scielo Brasil, mais acessado pelas comunidades científicas. A metodologia de interpretação das informações utilizada foi a Análise de Conteúdo conforme proposta por Bardin. Considerou-se um critério temporal a contar de janeiro de 2016 a dezembro de 2020, inserindo-se nas plataformas termos

correlatos aos objetivos da pesquisa e aplicando filtros de repetição. Todas as plataformas revelaram uma perspectiva restrita sobre a necessidade de atenção à rede de apoio do sujeito adicto e sobre a importância dos aspectos emocionais que correspondem a experiência adicta. Constatou-se que as publicações apresentavam certa escassez no que tange a termos mais assertivos sobre a questão estudada, sobretudo aqueles que incluem aspectos subjetivos da experiência adictiva. Recomenda-se assim, que mais conhecimentos produzidos na psicologia sejam elaborados para um melhor embasamento e amplitude das problematizações necessárias, assim como um melhor aproveitamento dessa influência por parte dos veículos de informação no Brasil.

Palavras-chave: Adicção; Informação; Dependência Química; Drogadição; Psicologia.

¹Institutos Superiores de Ensino do CENSA - ISECENSA – LEPE – Laboratório de Estudos em Processos de Estigmatização - Rua Salvador Correa, 139, Centro, Campos dos Goytacazes, RJ, CEP: 28035-310, Brasil;

(*) e-mail: ericahribeiro@yahoo.com.br

Data de recebimento: 11/07/2021 Aceito para publicação: 02/12/2021 Data de publicação: 20/12/2021

THE MEDIA AND THE PUBLICATIONS OF ADDICTION PHENOMENON

*Érica Henrique Ribeiro-Andrade¹, Milena Ribeiro Siqueira¹, Cezar Villaça Azeredo¹,
Raphael Fonseca Braga de Melo¹ e Rebecca Rodrigues Cedro de Brito¹*

ABSTRACT

RIBEIRO-ANDRADE, E.R.; SIQUEIRA, M.R.; AZEREDO, C.V.; MELO, R.F.B.; BRITO, R.R.C. The media and the publications of addiction phenomenon. **Online Perspectives: Applied Human & Social**, v.11 , n.34 , p. 69 - 87, 2021.

The media and their means of communication have considerable relevance in contemporary society. Leading off from the hypothesis that the media influence considerably impacts the ways of coping with the addictive phenomenon. As a specific goal, the intention was to identify and evaluate the profile of articles on drug addiction published in different information media that implied a large national circulation, namely VEJA Magazine, Folha de S. Paulo Journal, both in their on-line versions, and SciELO Brazil website, most accessed by scientific communities. The methodology used for interpreting the information was the Content Analysis as proposed by Bardin. A time criterion from January 2016 to December 2020 was considered,

inserting into the platforms terms related to the research objectives and applying repetition filters. All platforms revealed a restricted perspective on the need for attention to the addict's support network and on the importance of emotional aspects that correspond to the addictive experience. It was found that the publications presented a certain scarcity regarding more assertive terms about the issue studied, especially those that include subjective aspects of the addictive experience. It is recommended, therefore, that more knowledge needed in psychology is developed for a better foundation and amplitude of the necessary problematizations, as well as a better use of this participation by the information media in Brazil.

Keywords Addiction; Information; Chemical Dependency; Drug Addiction; Psychology.

¹Higher Education Institutes of CENSA - ISECENSA - Laboratory of Chemistry and Biomolecules - LAQUIBIO - Rua Salvador Correa, 139, Centro, Campos dos Goytacazes, RJ, CEP: 28035-310, Brazil;

(* e-mail: fulano@censanet.com.br

Receipt date: 11/07/2021 Accepted for publication: 02/12/2021 Date of publication: 20/12/2021

1. INTRODUÇÃO

No que tange a drogadição, a sociedade vem desenvolvendo formas de leitura do referido fenômeno a partir do que se veicula enquanto informações e notícias sobre ele. Faz-se necessário portanto, que as ciências humanas e sociais estabeleçam uma crítica acerca da representação midiática sobre os mais variados estados de adoecimento psicossociais uma vez que é neste contexto informacional que os profissionais atuarão. O presente estudo associa reflexões e dados sobre o universo das comunicações e do grave problema social conhecido no senso comum como dependência química. Trata-se de pensar nas mídias e suas formas de representação da realidade, em seu importante papel na construção social.

Esta pesquisa foi realizada por graduandos do curso de Psicologia e pesquisadores voluntários do PROVIC/ISECENSA. É vinculada à Linha de Estudos sobre Drogadição (LED), que pertence ao Laboratório de Estudos em Processos de Estigmatização (LEPE) associados ao CNPQ.

Como objetivo específico intencionava-se identificar bem como avaliar o perfil das matérias sobre drogadição publicadas em diferentes veículos de informação que implicassem uma grande circulação nacional, a saber a Revista VEJA, o Jornal Folha de São Paulo, ambos em suas versões on line, e o site Scielo Brasil, mais acessado pelas comunidades científicas.

Perceba-se que a intenção de avaliar o perfil das informações veiculadas em mídias de grande circulação e respeitabilidade nacional, aponta para uma tentativa de compreensão sobre como estes importantes canais de produção de subjetividades tem representado, em suas publicações, o fenômeno da drogadição. A hipótese em questão é que tais representações midiáticas tem exercido forte influência sob a sociedade, e consequentemente afetado formas de enfrentamento mais ou menos realísticos.

Segundo Moreira (2010) o termo mídia é referido aos meios de comunicação de forma generalizada que envolvem a grande massa e os grandes veículos de informação com influência perceptível sobre as pessoas. O autor destaca que o significado deste termo está associado aos processos de circulação, produção e recepção de mensagens.

No Brasil, segundo Lattman-Weltman (2018) é possível datar em cerca de pelo menos três décadas os estudos sobre a influência midiática em certos processos da vida social, podendo caracterizar-se como em franco desenvolvimento tais pesquisas, seja pelo aperfeiçoamento dos problemas que se investigam, ou pelos recursos e métodos aplicados ao levantamento e análise dos dados.

Existe uma importante associação entre os estudos da Psicologia Social, da Comunicação e das mais variadas formas de Mídias. Trata-se da necessidade de discussão sobre os modos de comunicação e sobre a mídia como instrumento de mediação entre o conhecimento sobre as realidades e a sociedade em si. O entendimento essencial de reflexões deste gênero é a função da Psicologia Social enquanto analisadora das mediações sociais. A mídia é sem dúvidas uma destas mediações que precisam ser compreendidas, criticadas, para então serem potencializadas.

Sprenger *et al.* (2017) descrevem a mídia como sendo um dos mecanismos de poder que atua na subjetivação de massa humana produzindo modos de existência, bem como vontades de consumo, bens e serviços, não apenas no seu aspecto individual.

A constituição dos sujeitos, conforme Pertile *et al.* (2017) , é mediada pela apropriação e transformação dos significados trazidos pela mídia. Desta forma, ela torna-se parte da construção das subjetividades, ao determinar valores e comportamentos. De acordo com os autores, a mídia acaba exercendo um papel tanto social quanto educativo, ao estabelecer com os sujeitos uma relação direta, como se fosse um outro, uma pessoa, que o afeta em sua convivência com a sociedade. Para González (2005,2007; apud CASTANHO; SORZIM, 2017), a subjetividade não se desenvolve somente no aspecto individual, mas no histórico cultural também, e é no meio social que o sujeito constrói significados.

Desde então se percebe que quanto mais acessível é uma mídia, maior sua capacidade de cumprir seu papel fundamental de difundir a informação a todas as camadas da sociedade, tanto que “dentre as liberdades fundamentais protegidas pela “Carta Magna” se encontra a liberdade de informação, fundamental para a consolidação da democracia” (FERRARI; SIQUEIRA, 2006, pág 148).

Simoneal e Oliveira (2014) acreditam que, embora as mensagens dos meios de comunicação tendam a pretenderem-se neutras, são tomadas pelos leitores, na maior parte das vezes, já como um dado de realidade sobre o mundo, desta forma sendo quase que inevitável que tais informações não sejam evidenciadas de acordo com um propósito. Cierco (2003, apud RODRIGUES *et al.*, 2015) afirma que a imprensa realiza uma mediação entre a população e o ocorrido verídico e que através dessa comunicação produz as interpretações de realidade. Para o autor tal realidade pode nem estar sendo vivenciada pela sociedade de fato, mas é assimilada como tal por meio da notícia. Afirma ainda que se o público alvo não fizer uma avaliação mais profunda destas notícias, podem desenvolver representações bastante contraditórias sobre os fatos.

Com o acesso a internet sendo quase considerado uma necessidade básica, e a arrecadação com anúncios nos jornais impressos tendo caído mais que a metade na última década (Pew Research Center, 2016), os jornais e revistas se viram obrigados a se digitalizar.

Com o auxílio da internet, jornais e revistas, além de alcançarem um número muito maior de acessos, dispõem também de uma database virtualmente infinita e de acesso instantâneo de publicações on-line e até digitalização de publicações impressas anteriores à própria internet. Para Longhi e Winques (2015, p. 111) o meio jornalístico on-line tem sido tomado por textos mais longos e aprofundados podendo dispor de outros tipos de mídia como vídeos e áudios, que “são facilitados pelo uso de links da linguagem hipertextual e hipermediática”, sendo possível que uma só reportagem contenha muitas outras relacionadas ao mesmo tema e a possibilidade de ser editada com novas informações futuras.

Outra vantagem vinda com a internet foi a democratização da produção de conteúdo, a divulgação da informação que era monopolizada por grandes empresas de comunicação agora se estende a qualquer pessoa com um computador ou celular e acesso à internet, essa democratização trouxe uma enorme diversidade para os meios de comunicação, e com ela o acesso à outras realidades e opiniões diferentes. Com o livre

acesso à produção de conteúdo, o mesmo foi se tornando cada vez mais informal, se reduzindo de reportagens completas com fontes e baseamento teórico, a vídeos com opiniões, ou *posts* nas mídias sociais. Aliado ao fato de ser tão acessível, a maior parte do conteúdo informativo na internet é disponibilizado gratuitamente o que gera uma sobrecarga de informação. (RENJITH, 2017)

Nesta mesma direção, Cortes, Martins e Souza (2018) afirmam que esse é um dos grandes motivos pelos quais a produção midiática deve ser investigada de maneira criteriosa: esta afetação que a mídia causa na vida das pessoas. Afirmam que as mídias são elementos sociais, políticos e ideológicos que desempenham importantes papéis na manutenção da vida em sociedade e que por sua vez geram novas percepções do real dos aprendizados mais variados, da produção e da distribuição das informações. Os autores destacam o lugar privilegiado que as mídias ocupam no sentido de suas grandes possibilidades críticas, criativas e reflexivas.

O termo drogadição destaca a submissão a algo, e é derivado do Inglês “drug addiction” que em si tem origem no Latim “addicere” significando se render, ser escravizado, ser devoto. Ao longo do tempo o termo perde esse significado sendo usado para denominar aqueles que são compelidos a repetir comportamentos habituais como o uso de substâncias químicas como álcool e outras drogas. (POCILUYKO; MACMILLAN, 2018)

No caso do consumo nocivo de drogas, o corpo adapta-se à certa substância química, levando a um comportamento excessivo e insistente do uso de substâncias entorpecentes e/ou alucinógenas. Nos quadros de dependência, dentre outros aspectos, identifica-se uma série de distúrbios físicos e psicológicos quando da interrupção do uso da droga, o que DSM-5 denomina de Síndrome de Abstinência. (UNODC, 2014)

Autores discutem a influência do marketing para o desenvolvimento do comportamento adictivo. Para Macedo *et al.* (2014), a disponibilidade para a compra de substâncias psicoativas (SPAs) e as propagandas que estimulam este uso exibindo apenas o prazer que a droga propicia, consistem em condições de risco que podem levar o sujeito ao primeiro consumo bem como a repetição deste.

Sendo assim, o presente estudo está baseado na premissa de que uma revista, por exemplo, pode contribuir mais ou menos para a saúde pública ao selecionar suas temáticas e estabelecer uma forma específica de veicular as informações pertinentes. O mesmo pode ser dito de um Jornal de significativa reputação por seu viés político-econômico e social, bem como de uma plataforma que alimenta de dados os pesquisadores do país.

No que tange ao fenômeno da drogadição, qual o papel que a mídia tem desempenhado em sua função de informar a sociedade? O que podemos inferir diante de uma breve análise das publicações afins? É nesta direção que o presente trabalho justifica seu esforço.

2. METODOLOGIA

Realizou-se um primeiro levantamento teórico a partir de autores que apresentam o tema das Produções Midiáticas e as representações sociais, mais especificamente o universo das três tipologias investigadas nesta pesquisa: revista, jornal e plataforma científica. Esse levantamento teórico também incluiu uma conceituação geral sobre drogadição.

Após a pesquisa bibliográfica, a coleta de dados teve como fonte de informações as publicações da Revista VEJA (versão on-line), a plataforma virtual Scielo Brasil e o Jornal Folha de São Paulo (versão on-line). Para estas três fontes utilizar-se-á o critério temporal de cinco anos a contar de janeiro de 2016 a dezembro de 2020.

Inicialmente, intencionava-se realizar a pesquisa nas versões impressas da revista e do jornal supracitados, todavia, ao aferir o conteúdo e formatação das versões on-line entendeu-se que além de conter todas as matérias da versão impressa, a modalidade virtual destas mídias acrescenta informações por meio de vídeos, o que amplia o banco de análise em questão. Outro dado importante é que essas mídias virtuais recebem atualizações diárias e mais de uma vez ao dia em alguns casos. Na mídia impressa isto torna-se inviável. Também torna-se necessário dizer que o fato de estarmos mundialmente vivendo em períodos pandêmicos, implica que a metodologia de pesquisa se adapte e passe a considerar modalidades de investigação que favoreçam ao mínimo contato social possível, o que é característico do acesso virtual a jornais e revistas. Por esses motivos, a presente pesquisa manterá o escopo de suas análises nas mídias virtuais.

Os dados de pesquisa foram tratados a partir do proposto por Bardin (2016) no método que ficou conhecido como Análise de conteúdo. Bittar (2018) apresenta a referida ferramenta como sendo a apuração técnica guiada por uma orientação epistemológica que traz coerência e solidez quando da necessidade de compreender determinado conhecimento. Essa metodologia ganhou evidência durante a Segunda Guerra Mundial, pela divisão especializada em comunicação em tempos de guerra. Nesse período o objetivo da análise de conteúdo era essencialmente a de compreender e agrupar os conteúdos presentes nos jornais dos inimigos. No entanto, somente muito tempo depois, este tipo de técnica veio a ser utilizada no meio acadêmico (CARLOMAGNO; ROCHA, 2016).

Segundo Julio et al (2017), a Análise de Conteúdo é uma técnica inferente e interpretativa, para conseguir informações relevantes de documentos. Trata-se de um grupo de técnicas sistematicamente composto por fases cuja finalidade é apresentar o conteúdo contido nas comunicações, e levantar indicadores qualitativos ou quantitativos.

Conforme Bardin (2016), pertencem, pois, ao domínio da análise de conteúdo tudo que, provindo de um conjunto de técnicas parciais, mas complementares, consista na explicitação e organização de ideias contidas em mensagens e na expressão deste conteúdo, com índices passíveis ou não de quantificação. A autora relata que esta abordagem tem por finalidade fazer deduções lógicas e justificadas, referentes à origem das mensagens eleitas para análise (o locutor e o seu contexto, ou, por vezes, os efeitos dessas mensagens).

Esta técnica de análise de dados consiste na categorização de qualquer gênero de conteúdo agrupando características e elementos chaves de modo a tornar comparáveis a outros dados, revelando-se útil para as áreas de marketing, jornalismo e semelhantes, em sua aplicação sobre qualquer natureza de ato enunciativo através de qualquer canal de acesso (CARLOMAGNO; ROCHA, 2016).

De acordo com Silva e Fossá (2015), os dados da análise de conteúdo podem provir de diversos meios, como: notícias de jornais, discursos políticos, cartas, relatórios oficiais, entrevistas, vídeos, fotografias, revistas, entre outros.

Conquistando credibilidade científica, e uma maior notoriedade entre as ciências sociais, esta técnica de análise de dados qualitativos para interpretar textos percorre processos distintos. O primeiro consiste na pré-análise, o segundo na exploração do material e o terceiro no tratamento dos resultados (BARDIN, 2016).

Em função do volume de dados gerados nas duas etapas iniciais, os resultados foram apresentados em diferentes trabalhos científicos com vistas a publicação em forma de artigos científicos.

Após a organização dos dados na pré-análise e uma exploração do conteúdo encontrado, este passou a ser interpretado em suas relações entre si, ou seja, passou-se à tentativa de uma comparação entre os dados das distintas fontes, para o estabelecimento de uma lógica que explicasse as semelhanças e diferenças identificadas. Nesta terceira fase da pesquisa o exercício inferencial criativo dos pesquisadores passou a ser um elemento fundamental. De acordo com Bardin (2016), é normal e até esperado que, como resultado desta fase, hajam novas hipóteses sendo formuladas, gerando assim demandas para outras pesquisas, e novas análises de conteúdo.

3. RESULTADOS

Seleção e Organização do material

A primeira ação da pré-análise de dados consistiu em levantar dados básicos da história de cada uma das frentes midiáticas investigadas, tentando identificar elementos que já apontassem para uma certa lógica da ideologia das publicações que seriam acessadas. Logo após, como um segundo passo da pré-análise o exercício foi o de acessar as plataformas e fazer as primeiras avaliações do conteúdo dentro do escopo da metodologia escolhida, pela busca de publicações sobre drogadição. Nesta primeira etapa foram aplicados os filtros de termos, o critério temporal, a repetição de títulos e a pertinência com o tema pesquisado.

Os termos inseridos para busca eram todos relativos à questão da drogadição como Dependência Química, Alcoolismo, Tabagismo, Adicção, entre outros. O período utilizado como critério temporal foi de 2016 a 2020.

No que concerne à pré-análise da Revista Veja On-line, a seleção de matérias foi realizada a partir de dois nichos disponíveis na plataforma: as publicações on-line e o acervo digitalizado constituído por todas as edições impressas. A primeira apresentou ferramentas de busca mais amplas, ao disponibilizar a procura por palavras. O acervo digitalizado serviu de apoio para o encontro de especificidades de cada uma das

matérias em sua versão impressa, como a página e a edição de um determinado conteúdo. Isto posto, 278 reportagens foram encontradas. Esse número pode ser considerado baixo diante do universo conteudista que a plataforma disponibiliza. Na avaliação inicial dos títulos, verificou-se que a maioria correspondia ao consumo/abuso de álcool. Destaca-se a inexistência de publicações respondentes à busca pelo termo “adição”.

Na organização dos dados de pré-análise do Jornal Folha de São Paulo, entendeu-se a importância de fazer uma leitura inicial dos primeiros dados encontrados. O número total obtidos foi de 274 matérias, retirando as repetições o número restante foi de 235 matérias. Ao desenvolver-se esta primeira leitura de matérias, resumos foram sendo desenvolvidos de cada uma delas, para que posteriormente os conteúdos pudessem ser apreendidos de maneira mais clara. Percebeu-se, nessa análise, que muitas matérias tinham títulos diferentes, mas conteúdos iguais, contabilizando-se apenas 38 matérias não repetidas. Essas últimas realmente abordam a dependência química ou realizam papel social de alertar sobre o uso/abuso de substâncias envolvidas no processo de drogadição.

Sobre a plataforma do Scielo Brasil, um contato inicial permitiu o reconhecimento de que dos três bancos de dados investigados, este trata-se, sem dúvidas, do que melhor possibilita uma pesquisa do leitor em termos das opções de busca e da amplitude de alcance nos dados indexados. O Scielo organiza seus dados em função da data de publicação, do autor, do financiador da pesquisa, do nome do periódico, do resumo de trabalho e do título da pesquisa, e de diversas outras informações pertinentes. A referida organização de dados favorece aos diferentes estilos de leitores e atende a distintas motivações de busca. Quando os filtros foram aplicados a esta plataforma chegou-se ao número de 139 materiais. Desenvolveu-se, a partir de então, uma leitura dos resumos desses estudos, passando-se à análise de outros tópicos do artigo, ou mesmo uma leitura integral, quando necessário.

Ao longo desta Pré-Análise nas três plataformas, um banco de dados foi se configurando como o essencial para uma leitura mais pormenorizada, compondo-se assim as ações da segunda etapa da análise de conteúdo. Os dados foram organizados separadamente, em função dos veículos de informação, para que fosse possível a exploração de conteúdo de cada plataforma. Essa exploração de conteúdo resultou em um rico material, que aponta inclusive para efetivação do uso das técnicas de Bardin (2016), na compreensão de dados. Todavia, o material mostrou-se excedente ao que seria possível incluir em uma única publicação científica, tendo optado-se desta forma, por elaborar um artigo específico para apresentar a etapa de discussão dos resultados. Este é o escopo do presente texto.

As tabelas abaixo revelam em panorama os dados das três plataformas que deram origem a discussão que ora desenvolve-se.

Tabela 1: Resultados da Pré-Análise Revista VEJA.

Analisadores	Resultados apresentados (sem filtro)	Resultados apresentados (com filtro)
Consumo de álcool	1105	69
Drogas	11926	68
Bebidas alcoólicas	1623	29
Consumo de drogas	1275	0
Cigarro	1923	34
Usuários de drogas	1004	19
Vício	2491	12
Dependência	3265	16
Tabaco	766	5
Tabagismo	615	11
Drogas ilícitas	382	7
Consumo de tabaco	265	0
Drogadição	11	5
Dependência química	321	0
Alcoolismo	383	3
Drogas lícitas	83	0
Adicção	0	0
Total de resultados	27.438	278

Tabela 2: Distribuição por áreas temáticas na busca pelos analisadores e combinações no Scielo Brasil nos últimos 5 anos.

Termos de Busca (analisadores) e combinações	Ciências da Saúde	Ciências Humanas	Ciências Sociais e Aplicadas	Multidisciplinar
(consumo de tabaco) OR (consumo de cigarro) OR (tabagismo) (alcoolismo) OR (consumo de álcool) (dependência) OR (dependência química) (drogas) AND (Lícitas) OR (Ilícitas) Drogadição Vício Adicção	445	34	3	0
	233	55	3	1
	270	166	107	9
	524	213	21	11
	6	4	1	0
	12	11	2	0
	0	3	0	0

Tabela 3: Resultados Pré Análise Folha de São Paulo, Editoriais de SAÚDE, últimos 5 anos, com analisadores restritos a relação entre o sujeito e a substância.

Resultados na Editoriais/Saúde	2016	2017	2018	2019	2020	Total de matérias por tema
Consumo de drogas	7	16	11	14	19	67
Alcoolismo	3	4	5	3	5	20
Alcoólatra	1	1	3	0	0	5
Dependência química	0	3	4	3	8	18
Tabagismo	13	13	17	17	20	80
Dependência	13	17	21	11	19	81
Adicção	2	1	2	0	0	5
Total de matérias em cada ano	39	55	63	48	71	276

4. DISCUSSÃO

O que apresentar-se-á abaixo consiste já na discussão dos resultados encontrados e organizados. Esta discussão é consequente a tentativa de explicitar aspectos importantes e inferir sentidos implícitos.

Aparentemente as três fontes de informação escolhidas não apresentavam relação direta entre si, exatamente por terem públicos alvos distintos. A hipótese inicial dos pesquisadores era de uma diferença importante entre estes bancos de dados. Esse

aspecto foi intencionalmente considerado como parte importante da metodologia de investigação escolhida a fim de ampliar a possibilidade de compreensão do que tange as representações midiáticas sobre drogas, não focando em um tipo específico de veículo de informações. Sabe-se que existe uma infinidade de frentes midiáticas, mas no que se refere às informativas, entendeu-se que as três escolhidas representavam três distintos nichos informacionais. Isto revelou-se, principalmente, em função da diferença de linguagem, estilos de publicação e especificidades encontradas nas três plataformas. No caso da VEJA, por exemplo, foi possível encontrar informações que envolviam celebridades, já na base do Scielo Brasil confirmou-se que notícias sobre este meio não entram no escopo das publicações. Como era esperado, o Jornal Folha de São Paulo manteve suas publicações em torno das discussões políticas e econômicas.

Na etapa de pré-análise da Revista Veja On-line, foi possível identificar que a maioria das matérias envolvia a questão do álcool. Isto é coerente diante do fato de que as pesquisas de vários órgãos nacionais indicam que é o álcool o maior problema de dependência química no país. Não fazia parte do objetivo de pesquisa desenvolver esta relação entre os dados e tais estudos, todavia, esta discussão pareceu importante a se considerar em pesquisas futuras.

Na exploração do conteúdo da Revista foi possível refutar uma das inferências anteriormente expostas. As reportagens apresentaram conteúdo não apenas voltado ao entretenimento, mas à informação científica, baseada em estudos publicados e fatos comprovados estatisticamente.

Confirmando uma função importante como veículo de informação no país, percebeu-se nas matérias da Revista Veja uma preocupação com problemas sociais que vão além do entretenimento, tendo sido possível encontrar na amostra de dados selecionada, matérias que ficavam fora do assunto “vida de celebridades”, tão peculiar a revistas similares. No entanto, a quantidade de produções sobre a problemática adictiva ainda pode ser considerada baixa, observando-se que apenas 278 delas atenderam à temática quando colocados filtros como a repetição de matérias e os objetivos específicos do presente estudo. Compreende melhor essa afirmação, se o leitor considerar que no caso da VEJA impressa, os fascículos são semanais, e no caso da VEJA on-line, as publicações são atualizadas ao menos uma vez ao dia, o que implica uma grande quantidade de centenas de matérias em poucos dias. Outro elemento importante, é que recentemente Ribeiro-Andrade *et al.* (2021), publicaram os resultados de sua pesquisa que avaliava especificamente as publicações da VEJA impressa no período de 2016 a 2019, e já indicavam essa desproporcionalidade entre o total de publicações e a quantidade de matérias sobre drogadição. O perigo que se avanta é que este veículo de informação tão popular, esteja colaborando menos do que poderia para que a sociedade conheça mais assertivamente do que se trata a questão, e sobre como pode lidar com a mesma.

Quanto às ideologias subjacentes aos conteúdos, a hipótese que se conjectura a partir da leitura, é que o jornal Folha de São Paulo apresenta uma ótica considerada mais liberalista quanto ao tema drogadição. O jornal expressa tal opinião ao veicular críticas às políticas proibicionistas e de combate às drogas adotadas pelo governo brasileiro ao longo dos anos, e ao utilizar suas reportagens para divulgar pesquisas científicas, a fim de desmistificar informações falsas sobre o uso recreativo e o abuso de substâncias. Alerta também aos perigos do uso de drogas lícitas como álcool e tabaco, assim como medicamentos psiquiátricos e analgésicos, além de trazer informações

sobre descobertas recentes relacionadas à dependência de substâncias, como pesquisas relacionadas ao uso de cigarros eletrônicos e os perigos à saúde de seus usuários.

Um desafio encontrado no desenvolvimento da pesquisa na plataforma Scielo tem a ver com o inicial desconhecimento do universo de informações e abrangências desta base de dados, o que dificultou o estabelecimento de uma amostra passível à exploração do conteúdo, dentro do prazo limite de duração da presente pesquisa. Desta forma, conclui-se que é possível e é necessário que novos recortes metodológicos sejam feitos em investigações posteriores, mantendo a temática drogadição como mote principal de estudos, mas alternando filtros e ampliando a base de análise.

Dado ainda muito importante a se registrar sobre a Scielo, implica que poucas pesquisas foram encontradas que levassem em conta o aspecto multifatorial da drogadição, o que se evidenciou pelo restrito número de estudos interdisciplinares encontrados, consistindo, neste ponto, necessária recomendação de pesquisas futuras. Por meio da apreensão dessa interdisciplinalidade, no exercício do diálogo entre os diferentes campos, os problemas práticos da vida humana podem ser melhor compreendidos e soluções mais efetivas podem ser encontradas.

Ao longo da pesquisa, na base de dados do jornal Folha de São Paulo, observou-se um declínio do número de produções a respeito do tema em questão, e a veiculação de matérias sobre pesquisas e situações em torno da drogadição ocorridas em outros países. Na verdade, pode-se afirmar que as matérias internacionais sobre drogadição eram a maioria. Infere-se deste fato que a visão do Jornal seja de existe pouco interesse público no assunto. Todavia é possível pensar também que de fato no Brasil o cenário seja de pouco investimento financeiro em pesquisas que estejam à altura de uma publicação em jornais de grande porte. Seja como for, o país será favorecido se houverem mais inserções de matérias pátrias do que exteriores, o que será possível quanto maior a quantidade de pesquisas forem realizadas no Brasil e a seriedade das mesmas.

Dado que sublinha essa suposição foi o declínio observado no número de reportagens no jornal abordando temas relacionados a “drogas” e “consumo de drogas” nos últimos três anos pesquisados, apontando um decréscimo da quantidade de informação veiculada sobre o assunto.

Na plataforma SciELO, a menor quantidade encontrada de estudos refere-se aos fatores de risco que levam ao comportamento adicto, aspecto alarmante, pois as possibilidades etiológicas que envolvem determinado fenômeno são relevantes para a elaboração de programas de prevenção.

No decorrer deste esforço de pesquisa, foram encontrados alguns sites e estudos importantes para as investigações realizadas sobre a temática como um todo. Tais informações nem sempre estavam incluídas na amostra de análise de conteúdo, mas de alguma forma apareciam dentro das leituras secundárias que eram feitas, gerando dados dignos de serem registrados pelos pesquisadores no âmbito de seu conhecimento geral sobre drogadição.

Foi o que aconteceu ao buscar-se a etimologia da palavra *vício*. Nesse exercício encontrou-se a home-page da Sociedade Internacional de Profissionais da Prevenção e Tratamento de Uso de Substâncias (ISSUP). Trata-se de uma organização não-

governamental, global e sem fins lucrativos que visa a promoção de informações sobre a prevenção e o tratamento do uso de drogas. Esta Organização Não Governamental (ONG) possui comitês pelo mundo inteiro, marcando presença também no Brasil. Ela está firmada sobre pesquisas e estudos científicos contando inclusive com contribuições brasileiras. Anualmente ocorre uma reunião internacional da referida ONG, que oferece formação e networking para profissionais interessados.

Outro item relevante encontrado ao longo da exploração de dados foi um estudo realizado pela Universidade Federal da Bahia sobre a representação das drogas nas comunicações midiáticas. Esta pesquisa utilizava o jornal Folha de São Paulo, como única base de informações, tendo o período de 2010 a 2014 como espaço temporal de análise. Neste trabalho os autores justificaram a escolha do referido Jornal em função da “pluridade de pauta e alcance massivo no contexto brasileiro.” (SOUZA; SANTOS; APOSTOLIDIS, 2020, p.4). Estes pesquisadores identificaram três eixos temáticos que respondiam aos seus questionamentos iniciais, e concluíram que a mídia é capaz de influenciar e reger comportamentos sociais relacionados à drogadição. Levando-se em consideração que esta pesquisa foi finalizada em 2015, nota-se que a publicação destes resultados mostrou-se tardia, ou seja, apenas 5 anos após a execução da pesquisa em si. Isto é bastante prejudicial para a comunidade acadêmica como um todo. No caso da atual pesquisa, que iniciou-se em Abril de 2020, teria sido de muito valor contar com esses resultados anteriormente alcançados. Esta realidade reflete, entre outras coisas, a burocracia e as dificuldades que os pesquisadores brasileiros precisam driblar para conseguirem publicar suas investigações, o que certamente atrasa o desenvolvimento da ciência.

Um aspecto importante sobre este estudo realizado por alunos e professores desta Universidade Federal tem a ver com o método que os mesmos elegeram para realizar sua análise do banco de dados. De cunho documental, a referida pesquisa buscava identificar classes de palavras presentes nas matérias sobre drogadição, utilizando o software Iramuteq como dispositivo de análise. Esbarrar neste dado foi de grande relevância para os pesquisadores do LED, uma vez que desconhecia-se o fato de poder contar com tais recursos tecnológicos para operar uma análise conteudista.

Apesar destas distinções é importante registrar que foi possível perceber um perfil nas publicações sobre drogadição nas mídias selecionadas que em alguns momentos se repetia, indicando assim alguns pontos de convergência, sobretudo no que diz respeito às suas vulnerabilidades.

Foi o que ocorreu em relação a utilização de terminologias que exploram pouco a dimensão de subjetividade, tendo este aspecto sido percebido nas três plataformas. Após a leitura integral do material das três plataformas, algumas observações podem ser feitas. Notou-se a ausência do uso de termos como “adicção”; “drogadição”; “adicto” e “drogadicto”. Este dado infere que haja pouco ou nenhum investimento da mídia informativa brasileira nos títulos mais adequados sobre o assunto drogas e o sujeito drogadicto. Em seu lugar, utiliza-se de termos indevidos como “alcoólatra”; “vício”; “viciado” e “dependente químico”, por exemplo.

Este aspecto dos resultados encontrados deixa um alerta sobre a necessidade de ocorrerem investimentos de pesquisa e de oportunidade para publicação de estudos que façam uma análise sócio-histórico-etimológica dos termos que têm sido largamente utilizados pelas áreas do conhecimento, para descrever o fenômeno adictivo em suas

mais variadas faces. Nas três plataformas, foi notória a dominância de informações nas quais são utilizados termos pejorativos e estigmatizantes para se referir aos usuários de drogas, termos estes que tentam simplificar uma relação muito complexa: a do indivíduo com a substância que consome. O desuso de termos como “adicação” ou “drogadição” pode expressar uma lógica também em desuso e ainda prevalente ênfase de uma leitura da dependência de substâncias numa perspectiva moralizante de senso comum, como um desvio de conduta. Não cabe aqui dizer que a drogadição de fato não envolva, em muitas circunstâncias, desvios de conduta que trazem inúmeros problemas sociais, como o aumento da criminalidade por exemplo. Todavia os dois termos que acima mencionados implicam um sentido mais amplo, incluindo aspectos subjetivos do abuso de substâncias.

A proposta que o presente levantamento faz é de uma urgente atualização das terminologias utilizadas por outras coerentes que envolvam as características biopsicossociais em questão. Recomenda-se que as ciências ditas humanas estabeleçam esta crítica que está para muito mais além da troca de vocabulário, mas que implica a legitimação de aspectos sobre os quais uma ciência se estrutura, como é caso da Psicologia. A ciência deve manter em seu foco de construção aspectos como a correta caracterização de seus objetos de estudos, e o favorecimento da ampliação da discussão sobre os temas de relevância social numa perspectiva da interdisciplinaridade.

Na análise do conteúdo das matérias e artigos recorrentes nos três veículos de informação, foi percebida a quase inexistente presença de textos voltados para a atenção aos cuidadores de indivíduos adictos. Apenas duas matérias na Revista Veja tratam do assunto com certa consideração. A escassez de programas de apoio aos familiares do dependente torna todo o processo de tratamento e reabilitação mais difícil. Em uma destas matérias é visto que dados apontados pelo Levantamento Nacional de Famílias dos Dependentes Químicos (LENAD/ Família) causaram preocupação com a saúde de quem convive com os usuários de drogas. Pais de usuários adultos que já possuem filhos recebem a responsabilidade de cuidar de seus filhos e netos ao mesmo tempo. Nota-se uma urgência de apoio do governo por meio de políticas de suporte para essas famílias, bem como faz-se necessário um maior investimento da mídia informativa brasileira na veiculação de informações pertinentes.

Numa perspectiva geral, as três plataformas demonstraram uma visão limitada sobre a urgência de reflexão e desenvolvimento de conhecimento acerca das possibilidades de favorecimento ao tratamento que uma rede de apoio pode oferecer. A Psicologia tem muito a dizer e a contribuir a este entorno tão importante para a recuperação e reinserção do adicto. Estudos sobre forma de atuação da família e pessoas próximas afetivamente falando, e os olhares dos diversos profissionais que podem intervir na situação de dependência, podem municiar a sociedade com dados sobre emoções envolvidas no processo e estratégias de suporte. Ampliar a divulgação de pesquisas acadêmicas e de práticas afirmativas para com os familiares e cuidadores dos indivíduos em situação de drogadição, colaborará a uma atuação de ética e responsabilidade social por parte das mídias informativas presentes no cenário brasileiro. A rede de apoio é um conjunto de vínculos relacionados ao indivíduo drogadicto que se faz essencial para seu tratamento, e é composta por familiares, amigos, e auxílio assistencial. Esse trabalho é realizado através de instituições ou pessoas que sejam capazes de amparar as necessidades fundamentais do usuário, estimular sua autonomia, fortalecer sua autoestima e facilitar o acesso à educação ou reinserção social e no mercado de trabalho. O uso abusivo de drogas está relacionado

ainda com o impacto negativo na rede de relações do usuário. Lidar com pessoas com quadro de drogadição é uma tarefa extremamente complexa para a família e a sociedade, fazendo-se necessários programas e estratégias de apoio social.

Quanto menos as mídias informarem a sociedade sobre essa função primordial da rede de apoio, menor tenderá a ser o engajamento dos atores possíveis neste cenário. Esse é um ponto fundamental da presente discussão, a saber, uma crítica quanto ao incipiente envolvimento da mídia informativa no que diz respeito á ações de conscientização, prevenção e suporte em casos de drogadição.

Também se repetiu o fato de que as informações sobre drogadição não se mostraram de fácil acesso, demandando o desenvolvimento de habilidades, como a destreza na navegação nos sites, que inicialmente a equipe de pesquisa não dispunha. Se isto mostrou-se um limitador para os pesquisadores, imagina-se o quão desafiador será, e é, para o público leigo que procura a informação.

No que concerne ao acesso do banco de dados da Revista VEJA on-line, convém destacar que as ferramentas de busca são bastante restritas e de difícil manipulação. Foi necessário inclusive, fazer um contato formal com a Editora Abril solicitando ajuda para utilizar o site como assinantes. Infelizmente a ajuda não aconteceu à contento e até o final da presente pesquisa o site não havia sido aperfeiçoado quanto ao acesso. Identifica-se que o não oferecimento de opções de filtro pela revista tornou mais complexa esta tentativa de organização inicial dos dados de pesquisa nesta plataforma. Além disso, quando da exploração do conteúdo, enfrentou-se dificuldade em compreender os blocos de assuntos a partir do qual a revista organizou o acesso às suas matérias, mostrando certa incoerência na associação das temáticas em muitos momentos.

Durante a consulta realizada ao acervo do jornal Folha de São Paulo, fica evidente a dificuldade em filtrar as matérias pesquisadas de acordo com seu tema, já que a pesquisa realizada no site retorna como resultados quaisquer matérias que possuam o termo pesquisado em seu texto. A ausência de formas mais específicas de filtragem, como a busca por palavras-chave, ou a separação por temas pode dificultar o acesso do leitor a informações relevantes a sua busca, em meio a diversas reportagens apresentando diferentes temas, o que torna a pesquisa dentro da plataforma um processo lento e desgastante.

O destaque positivo para este aspecto precisa ora ser feito à plataforma do Scielo Brasil. Além de sua riqueza de conteúdos e materiais científicos, um grande diferencial encontrado foram as ferramentas de busca disponibilizadas. Apesar do vocabulário às vezes denso, esta plataforma apresenta uma gama muito extensa de possibilidades de filtros no acesso aos dados, bem como de cruzamentos entre os mesmos. Compreende-se que existe uma diferença entre os objetivos da referida plataforma e as duas outras analisadas, todavia, é possível pensar que a facilitação ao acesso as informações deveria ser uma característica de todas as bases de dados de mídia informativa.

Uma temática que figurou nos resultados das três plataformas diz respeito ao uso e já abuso de cigarro eletrônico em outros países e as crescentes discussões desta nova modalidade que ainda não é legalizada no Brasil. As matérias não aprofundavam as discussões, mas sem dúvidas indicavam que é um tema que merece atenção da saúde

pública. No caso das discussões sobre drogadição, é importante refletir sobre processos adictivos que podem se instalar mesmo sem a presença da substância, confirmando que a adicção é um fenômeno para além das questões químicas.

Foi ainda observado, tanto na VEJA quanto no jornal, uma forma de “reciclagem” dos conteúdos de matérias com temas similares, por vezes apresentando cópias de parágrafos inteiros pertencentes a outras reportagens. Este recurso pode ser utilizado na tentativa de aumentar o número aparente de publicações sem necessariamente aumentar o conteúdo informativo da página, passando ao leitor a impressão de ter mais informações ao seu dispor do que realmente tem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo inicial desta pesquisa era refletir sobre a forma como as representações midiáticas tem apresentado o fenômeno da Drogadição, intencionando analisar esta realidade em diferentes frentes de informações, numa tentativa de comparação entre os resultados encontrados.

Concluindo, é possível afirmar que a primeira etapa do objetivo apresentou um nível de exequibilidade maior do que a tarefa de comparação. Isto deve-se a fato de que, no acesso aos bancos de dados das três plataformas em estudo, o volume de conteúdo era extramente maior do que a hipótese inicial indicava, tendo sido necessário um esforço hercúleo para circunscrever o material de análise para exploração do conteúdo. Diante deste aspecto, não foi possível aplicar o critério de exaustividade requerido na pré-análise de conteúdo. Uma conclusão possível é que em pesquisa futura as comparações poderiam ser feitas partindo dos resultados que foram alcançados na presente pesquisa. Estes mostraram-se suficientes inclusive para publicação de pelo menos três trabalhos científicos, etapa que executar-se-á a partir de então.

A pesquisa foi desenvolvida contando com a participação de alunos de iniciação científica que se voluntariaram a investigar sobre a temática proposta a partir do estímulo do PROVIC Isecensa. Inicialmente, esperava-se que a pesquisa se desenvolvesse de forma presencial, todavia, a mesma desdobrou-se em meio a um período pandêmico. Este fato alterou o planejamento da pesquisa no que tange a metodologia e as reuniões, que foram realizadas virtualmente a fim de favorecer a continuidade do projeto.

Vários desafios foram sendo administrados e superados por meio da dedicação e persistência diante do universo das metodologias de investigação científica. Compreender a importância da correta menção aos autores no levantamento teórico, bem como driblar manualmente limitações das plataformas digitais, foram demandas iniciais trazidas pelos colaboradores nas reuniões de orientações de pesquisa, mas aos poucos estas foram abrindo espaço para novas questões, novos aprendizados e novos recursos de pesquisa foram sendo assimilados. Esse resultado excede ao problema de pesquisa em si e abrange ao objetivo fundamental de toda pesquisa acadêmica: estimular o nascimento de novos pesquisadores. Neste sentido a presente experiência deixa um rico legado para ciência de forma geral, e mais especificamente para o campo da pesquisa em Psicologia.

A iniciação científica encerra vários aperfeiçoamentos de linguagem e interpretação sejam feitos no decorrer da pesquisa, até que produções finais sejam alcançadas. Mas este movimento é também o que vai revelando o brilho da pesquisa, melhorando o embasamento teórico, permitindo a aplicação dos métodos que garantem produção séria de conhecimento e ampliando cada vez mais a discussão dos resultados. Todas estas etapas geram tanto dados acadêmicos quanto pesquisadores melhores.

Não constituiu-se tarefa fácil permanecer pesquisando com tantas mudanças acontecendo no mundo devido a pandemia, mas o fato desta pesquisa ter sido desenvolvida em grupo fez toda diferença. Como futuros profissionais de Psicologia, os pesquisadores voluntários puderam entender um pouco mais sobre o papel da psicologia na sociedade e a importância dos acadêmicos reconhecerem a urgência de reflexão sobre os aspectos subjetivos do fenômeno da drogadição, assim caminhando na direção de uma maior assertividade em seu pensar, falar e agir na sociedade segundo esse conhecimento.

O processo vivido pelos pesquisadores aponta para o fato de que o conhecimento possível à graduação em Psicologia não está limitado às salas de aula (presenciais ou virtuais) e livros, mas desdobra-se nas experiências de outros profissionais e pesquisadores que já registraram seus achados, o que envolve os demais campos do saber, como é o caso das ciências da comunicação. Esta pesquisa favoreceu o desenvolvimento do olhar crítico sobre a drogadição, permitindo o manuseio de dados mais objetivos provenientes da análise de conteúdo, mas também informações importantes sobre o sofrimento causado pelo uso abusivo de drogas, não só para os usuários, como suas famílias, amigos, e a sociedade como um todo.

Diante do que foi possível alcançar nesta investigação, conclui-se pelo alto poder de influência que as mídias informativas têm sobre o fazer social, o que inclui a forma como a sociedade lida com aspectos da saúde e doença. No caso da drogadição, sustenta-se que ainda existe um caminho longo a se percorrer no que tange a realização de pesquisa e a divulgação das informações pertinentes ao enfrentamento da questão. Recomenda-se um melhor aproveitamento do espaço e oportunidade desta influência por parte dos veículos de informação no Brasil, contando com o suporte dos conhecimentos produzidos na Psicologia, para um melhor embasamento e amplitude das problematizações necessárias.

Ainda uma última consideração, implica a necessidade de expandir a problematização sobre a drogadição em seus impactos para a sociedade brasileira, sublinhando assim a necessidade de intensificar os esforços do jornalismo, bem como todas as outras áreas de conhecimento e práticas pertinentes ao tema, sobretudo no que tange a novas investigações.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo, Edições 70, 1ª ed. Tradução por: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 2016, p. 48.

BITTAR, E. C. B. **Metodologia da pesquisa jurídica**. 16ª edição. Saraiva:, 2018.

CARLOMAGNO, M. C.; ROCHA, L. C. **Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica**. Revista Eletrônica de Ciência Política, vol. 7, n. 1, 2016.

CASTANHO, M. I. S; SORZIM, T.J.I. **Internet, cultura do consumo e subjetividade de jovens**. SCIELO. Pesqui. Prát. Psicossociais, São João del-Rei, v. 12, n.1, p. 36-53, abr. 2017. Internet.

CENTRO DE PESQUISA PEW. The State of the News Media 2016. Projeto de Excelência em Jornalismo, **Pew Research Center**. Disponível em: <http://www.journalism.org/2016/06/15/state-of-the-news-media-2016/>

CORTES, T. P. B. B; MARTINS, A. O; SOUZA, C. H. M. Educação Midiática, Educomunicação e Formação Docente: Parâmetros dos Últimos 20 Anos de Pesquisas Nas Bases Scielo E Scopus. **Educação em Revista**, 34, e200391. Epub 22 de outubro de 2018.

FERRARI, C; SIQUEIRA, D. O direito à informação como direito fundamental ao estado democrático. **Revista Direitos Sociais e Políticas Públicas** (UNIFAFIBE). vol.4, n. 2, 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO. **São Paulo: Grupo Folha**, [Janeiro 2016 a Novembro 2020]-. Diário. Disponível em: < <http://www.folha.uol.com.br/> > .

JULIO, E, SANTOS, K. MORAIS, S. NETO, A.F. Estruturação de aplicação da análise de conteúdo. **Revista Ciências Exatas**, São Paulo, vol. 23, n. 2, p.19-29, 2017.

LATTMAN-WELTMAN, F. Desventuras da influência política midiática no Brasil pós-1988: uma teoria da demanda por informação política. **Revista Opinião Pública**, Campinas, vol. 24, nº 2, maio-agosto, p. 239-269, 2018.

LONGHI, R; WINQUES, K. O lugar do longform no jornalismo online: Qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo. **Brazilian Journalism Research**- v. 1, n. 1, 2015.

MACEDO, Queiroz Jaqueline; AYGNES, Cursio Daniela; BARBOSA, Pinto Sara; LUIS, Villar Margarita. Concepções e vivências de estudantes quanto ao envolvimento com substâncias psicoativas em uma escola publica de Ribeirao Preto, São Paulo, Brasil. **Cienc. enferm.**, Concepción , v. 20, n. 3, p. 95-107, dez. 2014 . Disponível em < http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-95532014000300009&lng=pt&nrm=iso >.

MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS [recurso eletrônico]: **DSM-5 / [American Psychiatric Association]**; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento et al – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2014.

MOREIRA, J. Mídia e Psicologia: considerações sobre a influência da internet na subjetividade. **Psicol. Am. Lat.**, México, n. 20, 2010.

PERTILE, A; ARNDT, G. J., MIGUEL, R., PIRES, J., NUNES, M. Mídia e Psicologia: tecendo conexões. **Universidade Federal de Santa Catarina; Núcleo de Estudos e**

ações em Gênero, Educação, Mídia e Subjetividades; Conselho Regional de Psicologia - 12ª Região e Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas. Santa Catarina, 2017, p. 4-6, 46.

POCILUYKO, P; MACMILLAN, T. Evolução da Terminologia do Vício. **Novas Direções em Tratamento, Educação e Divulgação para Saúde Mental e Vício**. p.11. 2018. 10.1007/978-3-319-72778-3_2.

RENJITH, R. **The Effect of Information Overload in Digital Media News Content**. **Communication and Media Studies** ISSN 2395 -1559 Vol. 6 No. 1 | JAN-JUN 2017 pp: 73- 85.

REVISTA VEJA. Versão On Line. **Editora Abril**. [Janeiro 2016 a Novembro 2020]-. Diário. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/>.

REY, F. G.; GOULART, D. M.; BEZERRA, M. DOS S. Ação profissional e subjetividade: para além do conceito de intervenção profissional na psicologia. **Educação**, v. 39, n. 4, p. s54-s65, 31 dez. 2016.

RIBEIRO-ANDRADE, E.H.; ALBERICO, G.F.A.; SILVA, P.H.A; FREITAS, M.G.M.; Drogadição: o que lemos na revista? **Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas**, v.11, n.30, p.68-85, 2021.

RODRIGUES, D. R. S. R, CONCEIÇÃO, M. I. G., & Iunes, A. L. S. **Representações sociais do crack na mídia**. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 31(2), p. 115-123. 2015.

SCIELO BRASIL. Scielo.org, 2020. Página oficial. Disponível em: <https://www.scielo.br/?lng=pt>. Acesso em 22 de setembro de 2020.

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualitas Revista Eletrônica**, v. 16, n. 1, p. 1-14, 2015.

SIMONEAL, A. S., OLIVEIRA, D. C. Representações sociais e meios de comunicação: Produção do conhecimento científico em periódicos brasileiros. **Psicologia e Saber Social**. Página v. 3, n. 2, p.296, Rio de Janeiro 2014.

SPRENGER, A; VIEIRA, G; ZANINI, M; VIGO, S; LARA, L. Corpo e consumo: a mídia como mecanismo de produção de modos de subjetivação. **Rev. Psicologia em Foco**, Porto Alegre, v. 9 n. 14, dez. 2017, p. 3-16.

UNODC, Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime. Relatório Mundial sobre Drogas 2014. **United Nations publication**, Sales No. E.14.XI.7, p. 12.